

Francisco Adolfo Coelho
(e Guilherme de Vasconcelos Abreu)
(2008)

[INÉDITO. Comunicação apresentada no col. comemorativo dos 150 anos do Curso Superior de Letras, FLUL]

Em colóquios dedicados a personalidades de estatuto homólogo, como este dedicado a professores de uma mesma escola, é grande a tentação de sugerirmos que o mais interessante de todos é aquele que vamos apresentar. Pouco farei para resistir a tal tentação no que toca a Adolfo Coelho, pois, além de ter sido o introdutor da linguística em Portugal, como reconhecem todos, incluindo o próprio, ele foi um dos grandes programadores do ensino dos diversos níveis e é uma das principais fontes para a história do próprio Curso Superior de Letras, ao qual dedicou em 1900 uma substancial memória em francês, destinada à secção portuguesa da Exposição Universal de Paris. Dificilmente se conceberia um colóquio como o nosso sem que a Adolfo Coelho fosse atribuído um lugar central. Aliás, o modo como posava para as fotografias – grande cabeça socrática lançada para trás, contemplando o mundo sem ponta de indulgência – sugere que outra forma de homenagem não esperaria de nós. É possível que o seu principal título seja o de pedagogo, por igual interessado não apenas nos três níveis clássicos do ensino (primário, secundário e universitário), sobre e para os quais escreveu abundantemente, desde métodos de leitura para crianças e recolhas de jogos e contos infantis, até estudos sobre o papel educativo dos trabalhos manuais e dos exercícios físicos e ainda relatórios, programas e projectos visando a organização do sistema educativo nacional; mas interessado principalmente, através de todos esses esforços, na causa mais geral do combate à ignorância e ao atraso da sociedade portuguesa, que inspirou muitos intelectuais e animou o debate ideológico da sua geração. Apontado como linguista de gabinete (entre outros por Leite de Vasconcelos, que nunca limpava das polainas a poeira dos caminhos), idêntico sedentarismo não poderá ser apontado à sua acção pedagógica, na qual a observação teórica foi claramente superada por prolongada e intensiva intervenção prática: além

de outros cargos oficiais e administrativos, fundou em 1883 e quase até à morte dirigiu a Escola Primária Superior de Rodrigues Sampaio, onde ensinou todas as matérias menos desenho e onde dizem que ocupava cinco horas de trabalho diárias (!), e foi ainda professor na Escola Normal Superior de Lisboa (Silva Correia 1920: 71).

De certo modo, o percurso dessa carreira de pedagogo estava traçado desde que tomou parte, em 1871, nas célebres conferências democráticas do Casino, realizadas na esteira da questão do Bom-senso e do Bom-gosto. O Casino Lisbonense, situado na zona do Chiado, era, na descrição de Massaud Moisés, uma «espécie de café-concerto onde se reúne a boémia do tempo, para ver o can-can e ouvir cançonetas picantes» (1999: 159-160), nisso constituindo, portanto, ambiente apropriado para as violências que foram proferidas pelos conferencistas. Depois de Antero ter dito o que pensava sobre a decadência da nação e de Augusto Soromenho, que era professor do CSL, ter falado da literatura portuguesa com inaudito rigor, o auge seria atingido por Adolfo Coelho, ainda não professor do Curso, com uma conferência lida em 19 de Junho de 1871 sobre *A Questão do Ensino*, em que examinava e reprovava a organização, as formas e os tipos de ensino praticado em Portugal, em termos tais que as autoridades interditaram o prosseguimento da iniciativa. Uma amostra das palavras de Adolfo Coelho (1871: 23-24):

Lembre-mo-nos em primeiro lugar de que estamos n'um paiz em que o catholicismo é a religião do estado imposta materialmente á consciencia de todos os que são portuguezes: o espirito scientifico é pois aqui repellido de tudo o que estiver sob a acção immediata do estado, perseguido fóra d'elle: ... N'uma palavra, a investigação livre da verdade é impossivel em Portugal.

Quanto ao CSL, acusava-o de ter sido moldado no figurino das faculdades de letras francesas, quando estas o estavam abandonando, e dirigia a alguns dos seus professores críticas que ainda hoje podem parecer brutais, mesmo se merecidas. Este ataque em bloco a uma escola traz à memória Rodrigues Lapa, que qualificou a Faculdade de Letras de Lisboa como a única escola do mundo que exigia, a quem nela quisesse ingressar, que começasse por descer de nível. Mas, ao passo que a faculdade salazarista respondeu a Lapa demitindo-o, o CSL, sete anos após os ataques de Adolfo Coelho, admitia-o como seu professor.

Em 1878, Adolfo Coelho e Guilherme de Vasconcelos Abreu tornaram-se professores de duas novas cadeiras, acabadas de criar pelo Curso Superior de Letras, que assim se tornou na primeira instituição universitária portuguesa a ensinar a linguística moderna. Vasconcelos Abreu acabava de regressar de dois anos de estudo, como bolseiro do governo, em França e na Alemanha, onde aprendera sânscrito e assistira às aulas de reputados orientalistas, e fora encarregado de elaborar o programa de uma cadeira de *Língua e literatura sânscrita, védica e clássica*, cujo ensino lhe foi confiado (Abreu, 1878). A criação da segunda cadeira, *Filologia comparada, ou ciência da linguagem*, que foi atribuída a Adolfo Coelho, satisfazia uma petição que tinha por primeiro subscritor o director do CSL, Teófilo Braga, e era assinada por mais 31 portugueses e ainda, em clara revelação de influências e alianças, por nove destacados linguistas da escola alemã, expressamente representados por Carolina Michaëlis. Entre eles, figuravam os nomes do gramático Adolf Tobler, de Gustav Gröber, director da *Zeitschrift für romanische Philologie* e do *Grundriss für romanischen Philologie*, Karl von Reinhardstoettner, autor de uma gramática portuguesa e da primeira edição, parcial, da *Demanda do Santo Graal*, e ainda o camonista Wilhelm Storck (Coelho 1900: 53-55). A petição não só reclamava a cadeira, como indigitava Coelho para seu professor em termos que hoje sabem a colonialistas:

A ciência estrangeira, a mais competente para julgar dos métodos por ela criados, reconhece num linguista português, Francisco Adolfo Coelho, a competência necessária para professar aquela disciplina (Silva Neto 1977: 22).

Repetia-se assim o caminho percorrido pelo desenvolvimento da linguística como ciência: também o estudo do sânscrito e das línguas clássicas orientais tinha aberto caminho à linguística indo-europeia de Rasmus Rask, Franz Bopp e Jakob Grimm, que aspirava a reconstituir as línguas do passado através de documentos históricos e da indução baseada na comparação dos resultados actuais da evolução dessas línguas, o que viria a ser aplicado com resultados esplendorosos pela linguística românica de Friederich Diez. A sua *Grammatik der romanischen Sprachen*, publicada entre 1836 e 1843, abre com esta fórmula, que inspiraria pelo menos um século de estudos subsequentes (Diez 1836: 1):

Seis línguas românicas chamam a nossa atenção, seja pela originalidade gramatical, seja pela importância literária: duas a leste, o italiano e o vâlico [=romeno]; duas a sudoeste, o espanhol e o português; duas a noroeste, o provençal e o francês. Todas têm no latim a sua primeira e principal fonte; mas não foi do latim clássico empregue pelos autores que elas saíram, mas sim... do latim popular dos romanos.

Porque este ponto é importante para a história da ciência, e porque há que conceder algum espaço à figura de Vasconcelos Abreu, nem que seja como um lusitano João Baptista de Adolfo Coelho, vale a pena reproduzir aqui uma passagem da sua proposta para a criação da cadeira que o CSL lhe viria a atribuir, em que evidencia a interdependência dos estudos de orientálica, de indo-europeística, de romanística e, finalmente, de linguística portuguesa (Abreu 1878: 16-18):

Conheceu-se primeiro da afinidade existente entre o sânscrito, o persa, o grego, o latim, e os idiomas letticos, slavicos, germanicos e celticos. A comparação estendeu-se depois a todo o systema grammatical de cada uma d'estas linguas; e buscou-se a razão de diferenças tão profundas que nellas se davam a par de afinidades tão evidentes.

Isto levou á decomposição analytica dos vocabulos, a conhecer a sua evolução historica; a comparar esta em diferentes pontos do tempo e do espaço; a concluir assim a connexão, a filiação, a determinar emfim as leis de transformação das linguas.

A analyse foi dissecando cada palavra a ponto de nella separar elementos morphicos, se não primordiaes, pelo menos irreductiveis para o estado da sciencia de hoje, e na maior parte intelligiveis. Deante de tão rigorosa, quão simples e clara analyse, caíram as concepções da grammatica tradicional europea, e as subjectivas da supposta grammatica geral. (...)

Deve-se o methodo que coordenou todas as investigações a Francisco Bopp, que o fez conhecer aos sabios pela maneira pela qual o applicou, escrevendo *Ueber das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprachen*¹ (...) Francfort s. o. Meno, 1816. (...)

Depois de Bopp veiu J. Grimm com a sua colossal *Deutsche Grammatik*, outro soberbo modelo do methodo scientifico, applicado agora exclusivamente aos principais dialectos germanicos antigos e modernos. Bopp no *Conjugationssystem* tinha dissecado a flexão, conhecêra da *morphologia*. Grimm na *Deutsche Grammatik* foi até ao elemento por excellencia da palavra – o som, cujas transformações e leis que as regem estudou; a elle se deve a *phonologia*.

¹ Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita, em comparação com os das línguas grega, latina, persa e germânica.

Logo Pott (...) levou com braço de gigante a theoria de Grimm e a phonologia para o estudo de quasi todas as linguas aricas.

O celebre Frederico Diez tratou magistralmente das linguas romanas, segundo o methodo novo, na sua *Grammatik der romanischen Sprachen*. (...)

Neste grande movimento de estudos que vemos successivamente propagar-se da Allemanha á França, á Russia, á Italia, á Inglaterra, aos paizes scandinavos, á America do norte, á India, e por fim desde 1868 a Portugal, pelos trabalhos de Francisco Adolpho Coelho, e depois á Hespanha, teem as linguas áricas o predominio: porque constituem a unidade glottica mais bem determinada, e portanto estudada, graças ás suas litteraturas, á sua superioridade como instrumento do pensamento, á sua importancia geral no desenvolvimento e irradiar communicativo da civilização, graças ao perfeito instrumento da lingua sãoskrita.

Este panorama serviu, portanto, de pano de fundo à criação das cadeiras de *Língua e literatura sânscrita, védica e clássica* e de *Filologia Comparada* no CSL, bem como de uma plural produção linguística verdadeiramente científica que, aceleradamente, estava a surgir em Portugal.

O começo tinha sido dado pela publicação, em 1868, de um pequeno livro de Adolfo Coelho intitulado *A lingua portugueza: phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*². Neste livro, o primeiro que Leite de Vasconcelos reconhece ter lido de Linguística, emprestado pelo seu mestre Epifânio da Silva Dias (dupla caução de autoridade), estudava Adolfo Coelho «o organismo da língua nos seus elementos – os *sons*, as *formas* e o conjunto de processos por que as palavras se unem em orações simples e as orações simples em orações compostas, a *syntaxe*» (Coelho 1868: iii). O modelo que segue é o histórico-comparativo de Diez e, de modo mais geral,

os trabalhos que na Alemanha, Inglaterra e França, mas sobretudo na primeira dessas nações, fundaram a *glótica*, ou ciência da linguagem, trabalhos de que no presente livro se acham expostos alguns resultados e que, pela sua importância, pelas questões de primeiro interesse sobre que lançaram uma luz inesperada, de dia em dia vão chamando mais a atenção do mundo civilizado. (Coelho 1868: v)

O idealismo juvenil destas palavras não vem apenas da novidade da ciência: o autor tinha 21 anos. Aluno desencantado da Universidade de Coimbra e fugidio do Curso

² Coimbra, Imprensa da Universidade, XXI+136 p. Teria mais duas edições: a 2.^a em 1881, muito aumentada e revista, e a 3.^a em 1896.

Superior de Letras, fora às leituras estrangeiras buscar inspiração e processos para este e outros trabalhos projectados, que desde logo anuncia e depois não inteiramente cumpre:

Uma história da língua portuguesa, um dicionário etimológico da mesma, um glossário do português arcaico e provincial completarão as nossas investigações no campo da língua que primeiro falámos. (Coelho 1868: iv)

Neste programa, não se deve ler apenas a curiosidade de adquirir conhecimentos e de os facetar com instrumentos modernos. O motor de Adolfo Coelho residia nas suas convicções de transformação social e cultural, enfrentado com um país de analfabetos, com escolas que não faziam distinção entre ensino laico e ensino religioso, com universidades produtoras de oratória e ilusões. Assim, a justificação para o seu livro (e de boleia para a introdução da moderna linguística) encontra-a Adolfo Coelho na urgência de combater o estado de ignorância em que se encontrava a filologia portuguesa do tempo:

Quando começámos a conhecer os trabalhos dos modernos filólogos estrangeiros, vimos tristemente que a filologia portuguesa era completamente alheia aos progressos que a ciência da linguagem, a *glótica*, para usarmos da melhor das denominações que lhe têm sido dadas, tinha realizado em as nações que outro tempo acompanhámos no seu desenvolvimento intelectual. Portugal está em filologia pouco mais ou menos no ponto em que essas nações estavam no começo deste século. (Coelho 1868: vii).³

Nas páginas seguintes, desdobra em comprovação severa críticas a obras recentes, como o *Dicionário* de D. José de Lacerda e o *Génio da Língua Portuguesa*, de Francisco Leoni, pelo caminho castigando as teses celtistas de António Ribeiro dos Santos e do Cardeal Saraiva e ofendendo Inocêncio pelo apreço que este manifestara a Lacerda. Ao concluir a introdução do seu livro, na pág. xix, o jovem Coelho tinha não só deixado claro ao que vinha, mas tinha igualmente feito meia dúzia de inimigos entre sábios

³ Luís Prista (1996: 27) desenterrou da tese de António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra em 1887, com o título *Pluralização da Linguagem. Estudo bíblico-linguístico*, esta pedra semi-preciosa: «a dispersão de Babel, não tendo o carácter de castigo, foi comtudo uma medida sapientíssima da Omnipotencia divina».

mortos e vivos. Pela exigência científica, pela arrogância e pela falta de tacto, estava consagrado como o justo precursor de uma disciplina que, no nosso país, pródiga se tem revelado nessas mesmas virtudes.

Os anos seguintes foram ricos em actividade para Adolfo Coelho e em estreias científicas para outros linguistas. Seguindo um rastreio de Luís Prista (1996: 11-20; 2001: 157ss), verificamos que Epifânio da Silva Dias publicou em 1870 uma *Gramática prática da língua portuguesa*, que se distinguiu pela modernidade do método e por introduzir o estudo da sintaxe numa obra didáctica. Ao mesmo tempo, Adolfo Coelho debatia-se em polémica com Levy Maria Jordão a propósito do *Corpus Inscriptionum Latinarum* de Hübner, em folheto cujo título diz tudo sobre o seu estado de espírito: *A Sciencia Allemã e a Ignorancia Portuguesa*.

No ano seguinte, 1871, sem arrefecer, lança-se na refrega das conferências do Casino, que já nos ocuparam, e publica a *Theoria da conjugação em latim e portuguez. Estudo de grammatica comparativa*, título que ecoa o tratado de Bopp, e ainda uma introdução linguística ao *Grande dicionario portuguez* de Domingos Vieira, que seria reeditada em 1874 nas *Questões da língua portuguesa*.

Em 1876, João de Deus publica a *Cartilha Maternal*, a que se segue uma polémica generalizada, e no ano seguinte reúne-se no Porto uma comissão empenhada em reformar a ortografia com base na pronúncia, encabeçada por José Barbosa Leão.

Em 1878 são criadas as duas cadeiras do CSL a que fiz referência e Teófilo Braga edita com ligeireza o *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*, que teve pelo menos a virtude de contribuir, pelo negativo do seu exemplo, para a afinação dos critérios de qualidade na produção de edições clássicas.

Em 1880, Adolfo Coelho publica o primeiro de três estudos dedicados a *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America* (*Boletim da Sociedade de Geografia*, arts. seguintes em 1882 e 1886), ricos em materiais dos crioulos de base portuguesa, mas também de base espanhola, francesa, e ainda sobre a língua franca. Prejudicados por provirem de recolhas alheias, como aliás os de outros grandes crioulistas do seu tempo, como Hugo Schuchardt, estes estudos constituem um dos aspectos mais duradouros da obra de Coelho. Serafim da Silva Neto disse-o no *Manual de Filologia Portuguesa* (1977: 23-24), John Holm dedica-lhe largo espaço em *Pidgins and Creoles* (1988, I: 27-32),

e Ernesto d'Andrade e Alain Kihm (1996, II: 386, 388) são categóricos em afirmar que, «se existe um aspecto da obra de Adolfo Coelho que mantém uma verdadeira actualidade, são os seus estudos crioulos». A questão central da crioulistica é a origem das línguas crioulas, duas teorias se debatendo a esse respeito: uma explica o crioulo pelo substrato das línguas maternas, que permanece nos escravos adultos que aprendem a língua dos senhores; a outra teoria atribui o crioulo a crianças nascidas em cativeiro que, desprovidas de língua materna, criam uma nova língua a partir da sua faculdade inata de linguagem, que capta o léxico da língua dos senhores. Esta segunda teoria foi pela primeira vez enunciada por Adolfo Coelho com estas palavras, que se mantêm válidas no pensamento linguístico de hoje (Coelho 1880):

Os dialectos românico-crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes devem a origem à acção de leis psicológicas por toda a parte as mesmas e não à influência das línguas anteriores dos povos em que se acham ests dialectos.

Podemos interromper neste ano de 1880 o rastreio do que a década trouxe de bom aos estudos linguísticos em Portugal, coincidindo com o aparecimento de duas revistas efémeras de vida, mas não de reputação: uma foi a *Revista d'ethnologia e de glottologia*, em que Adolfo Coelho começa a articular as questões da linguagem com a etnologia, a mitografia e o folclore (que muito o ocupariam para a frente e culminariam com o sólido estudo sobre *Os Ciganos em Portugal*, de 1892, que lhe valeu grande aplauso internacional). A outra revista intitulava-se *Pantheon* e era dirigida pelo jovem Leite de Vasconcelos, que nela se estreava com um artigo sobre «Linguagem popular portugueza». Iniciava-se deste modo uma nova época, em que a influência de Leite se iria afirmar e, em mais que um domínio, absorver e levar mais perto da realização os projectos de Coelho. Mas essa já é outra história.

Num colóquio dedicado aos mestres do CSL, algum lugar deve ser reservado aos seus alunos. Poderia evocar aqui a carta de 1912 em que Fernando Pessoa se trava de razões com Adolfo Coelho sobre a nova poesia portuguesa (Pessoa, 1980); o tom cordial com que Pessoa trata o seu fugaz mestre diz muito sobre o amaciamento temperamental que Coelho deve ter sofrido na velhice. Mas prefiro-lhe o depoimento que Fidelino de Figueiredo deixou em «Biografia de uma escola» A escola é, evidentemente, o Curso

Superior de Letras e o trecho que vou citar fala dos seus mestres (Figueiredo, 1953:77-78):

Um mestre ensina quando ministra saber e também quando oferece exemplos do que se não deve fazer. E naquela escola aprendi muita coisa proibida na carreira intelectual e no ofício de professor.

Havia lá mestres insignes pelo renome em suas especialidades científicas e pelo relevo na acção social, e havia-os também anónimos em ambas as direcções, pequenos burocratas do ensino. Desses não reza a história. Foram os grandes que me ensinaram muita coisa útil, até pelo contraste ou pela inversão dos seus exemplos. Dos grandes tudo é útil, até o mal, pelas suas proporções ou pelo pensamento interior que o anima ou ainda pelas reacções que suscita. E este foi o fruto que extraí do seu mal. Eram hiper-críticos na apreciação dos valores nacionais, tanto os da história passada como os da contemporânea; semeavam no coração dos discípulos um pessimismo negativista que nos levava ao desalento abúlico: (...)

Eram inimigos uns dos outros, desprestigiavam-se reciprocamente nas aulas. Havia ódios famosos nos anais escolares, como os de Teófilo, Adolfo Coelho, Epifânio, Pinheiro Chagas. Pois sempre me lembrei desse espectáculo triste, dessa abusiva interpretação da liberdade de cátedra, e jamais pronunciei uma palavra aos meus discípulos contra outros mestres. Até a discordância doutrinária a dissimulei algumas vezes.

Como é bom, direi a concluir, saber que o passado está preso no seu tempo e nada tem a ver com o presente em que vivemos.

Referências

Adolfo Coelho, *A lingua portugueza: phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*, 1868

—, *A Questão do Ensino*, 1871

—, *Le Cours Supérieur de Lettres, Mémoire*, 1900

Ernesto d'Andrade e Alain Kihm, 'O Coelho crioulista', *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguistas*, 1996

Fidelino de Figueiredo, 'Biografia de uma escola', *Um colecionador de angústias*, 1953

Fernando Pessoa, *Textos de Crítica e de Intervenção*, 1980

Friederich Diez, *Grammatik der romanischen Sprachen*, 1836

Guilherme de Vasconcelos Abreu, *Importancia capital do Sãoskrito como base da glottologia árica e da glottologia árica no ensino superior das lettras e da historia*, 1878

João da Silva Correia, *O Doutor Adolfo Coelho – Pedagogo*, 1920

John Holm, *Pidgins and Creoles*, 1988

Luís Prista, *Filólogos Portugueses entre 1868 e 1943*, 1996

Massaud Moisés, *A literatura portuguesa*, 1999

Serafim da Silva Neto, *Manual de Filologia Portuguesa*, 3.^a ed., 1977